

AS ÁFRICAS DO RIO GRANDE DO SUL: PORTO ALEGRE E OS ASSENTOS DE BATISMO DOS ESCRAVIZADOS (1797-1802)

Lucas Corrêa da Silva (AUTOR - IFSul) - Valter Lenine Fernandes (ORIENTADOR - IFSul, PPGH-UFRGS)

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo **compreender as Áfricas no Rio Grande do Sul**, no caso, em **Porto Alegre**, entre **1797 e 1802**. Considerando para tanto as conjecturas gerais da Capitania do Rio Grande de São Pedro e os aspectos específicos dos escravizados e escravizadas, tais quais **suas origens, suas famílias, suas identidades e suas relações de compadrio**.

Por quê? Pelo reconhecimento de um contínuo processo de **apagamento da História e da memória da população preta**, derivada do **racismo estrutural** da sociedade brasileira, como dito pelo professor do IFCH da Unicamp, Mário Augusto Medeiros da Silva (MATEUS, 2019). Ainda mais potente e latente no Rio Grande do Sul, que é conhecido errônea e propocionalmente como europeu. Portanto, movemo-nos no sentido de atuar na **luta antirracista**, de preencher estas lacunas tão graves e atrozés com o saber.

Conhecimento este, ademais, que **na própria historiografia encontra-se incompleto**, necessitando de maiores e novos cuidados e esforços. Por exemplo, o que guia Gwendolyn Hall, uma referência na pesquisa da escravidão moderna, é exatamente a existência de **elos a serem restaurados entre a África e a América**, fissuras na identidade histórica do afro-americano a serem reconstituídas (2017, p. 13-20). Demanda maior ainda no espaço meridional do então Brasil Colonial, sobre o qual há um **baixo número de pesquisas** quando comparado com outras regiões, tendo, no entanto, percentuais da população preta próximos dos (percentuais) do Rio de Janeiro ou da Bahia em 1819 (OSÓRIO, 2007, p. 2-4).

Além disso, o êxito do objetivo nos leva a contribuir com a **lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008, que inclui a **“História e cultura afro-brasileira e indígena” como elemento obrigatório à educação nacional**. O que se dá diretamente pelo **comprometimento com a disseminação dos nossos produtos** em projetos de ensino e extensão e em feiras como a FEBRACE, Permitindo um verdadeiro **empenho no combate ao racismo**.



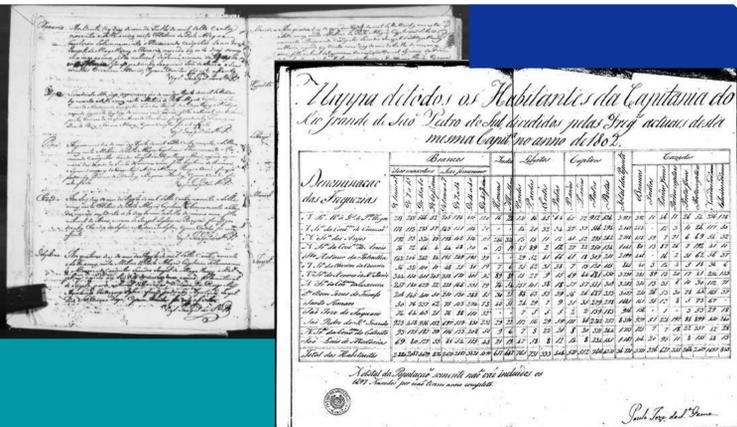
Fonte: A luta antirracista perde valerosos quadros, mas a luta não para. CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil). Disponível em: <https://ctb.org.br/igualdade-racial/a-luta-antirracista-perde-valerosos-quadros-mas-a-luta-nao-para/>.

METODOLOGIA

E **como** realizar o objetivo e comprometê-lo firmemente à divulgação? Primeiramente, com uma **pesquisa historiográfica e documental**. Pela parte teórica, estudar o escravismo colonial e o processo do tráfico., a colonização e as formas de adaptação dos escravizados, tanto numa escala maior como numa menor, isto é, no então território do que veio a ser o Rio Grande do Sul.

Dos documentos de época, colocamos em uso **mapas da população de 1798 e 1802 e registros batismais de cativos da Igreja Nossa Senhora Madre de Deus, a Matriz de Porto Alegre, datados de 1797 até 1802**. Foram encontrados nestas fontes:

- Mapas da população de 1798 e 1802: Arquivo Histórico Ultramarino – Projeto Resgate (Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 4 de dez. de 1803. AHU_ACL_CU_019, Cx. 7\Doc. 490. Disponível em: http://resgate.bn.br/docreader/019_rs/4569;
- Livro de batismos dos escravos, 1797-1820. Brasil, Rio Grande do Sul, Registros da Igreja Católica, 1738-1952 – Porto Alegre: Nossa Senhora Madre de Deus. Microfilme 1390975 itens 1-2. Disponível em: <https://www.familysearch.org/search/film/004016119?cc=2177295&cat=391247>.



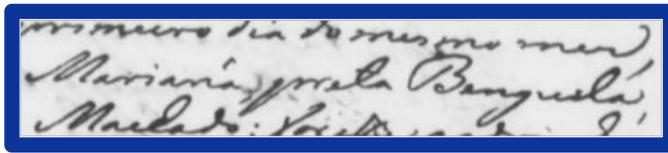
É preciso trazer ressalvas que tivemos no manuseio nesta documentação. **Elas não servem como sensores precisos dos contingentes populacionais, mas, sim, como uma sonda parcial e bem delimitada**, o que se deve por possíveis alterações em função de interesses e problemas intrínsecos a cada uma. Vide os assentos batismais, nos quais não consta todos os pais e os escravizados africanos (batizados já em África ou no Rio), ou mesmo os mapas da população, maliáveis às impressões que o governador gostaria de dar.

Bom, após a **transcrição da documentação**, o que foi feito com o auxílio de dicionários daquele tempo e livros de abreviaturas (algo muito comum), **os dados adquiridos foram compilados e sintetizados**, passando por uma **abordagem quantitativa, que associaram-se entre si (macro e micro) e com a bibliografia estudada**.

RESULTADOS

A partir destes métodos e materiais, de 421 registros e dois mapas, chegamos aos seguintes resultados:

- Descobrimos que **a população preta em Porto Alegre era superior a 50% no ano de 1798**, contando cativos (40,81%) e libertos (9,74%);
- E que **a variação nesse percentual em 1802 (47,75%)**, derivou **consideravelmente da expansão da então Capitania sobre as Missões**, concentrando os aumentos nas partes fronteiriças de Rio Grande e Rio Pardo;
- Dos assentos batismais, **viu-se que 80% dos batizados só tinham a mãe**. Os casais ocorriam entre cativo e cativa, em algumas limitadas situações, libertos;
- Mesmo que poucos, **os casamentos se davam entre os mesmos grupos étnico-raciais**, demonstrando a consideração destas identidades na época, o que pela raridade ratifica a Kátia Mattoso, mas, por outro lado, desmancha a ideia de não representar tanto os laços dos indivíduos (2003, p. 105 e 126-127);
- Os batizados eram praticamente todos nascidos na colônia**, lembrando aí a **importação dos portos americanos**, mormente do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, não diretamente da África (BEIRUTE, 2006; OSÓRIO, 2007; e ALÁDREN, 2012 apud ALÁDREN, 2015, p. 5-6);
- Sobre as relações de compadrio, uma das responsáveis por integrar os escravizados em redes na sociedade escravista, podendo oferecer apoio e vantagens, **por volta de 80% eram com ou um padrinho livre, ou um casal livre**, o que se explica tanto na maior capacidade dessa população oferecer proteção (MATTOSO, 2003, p. 131-134) como nas pequenas escravarias que existiam em Porto Alegre (OSÓRIO, 2007, p. 10-11), potencializando contatos;
- No que concerne os termos raciais, entre os pais, deparou-se com: **cabra, crioulo, preto, negro e pardo**, sendo que todos esses podiam **caber aos nacionais**, que vieram ao mundo na colônia e eram **aparentemente a maioria, 63%**, e **somente preto e negro aos africanos, 37%**;
- Sobre os termos étnicos, foram encontrados: **Benguela e Cabinda**, portos ao norte da atual Angola, **Angola e Congo**, referindo-se à África Centro-ocidental, **Rebolo**, à África Central (PENA, 2008), e **Mina e Costa**, ligados à Costa dos Escravos (HALL, 2017, p. 81-85), que repercutiu o Golfo do Benim (LAW, 2005, p. 112). Entre esses, principalmente presentes eram **Benguela (40,98%)**, **Costa (29,51%)** e **Angola (16,94%)**, o que diz muito sobre a **conexão ao Rio de Janeiro**;



- Por fim, acerca da sobredita **disseminação dos produtos**, fizemos, com o apoio do Instituto Federal Sul-rio-grandense, um **Projeto de Ensino**, que **conectou a nossa pesquisa com as de professores do Câmpus Saporanga e dos Programas de Pós-graduação em História da USP e da UFRGS**, proporcionando uma experiência de grande excelência aos discentes do Câmpus e o trabalho com diversas temáticas relativas às Áfricas.



CONCLUSÕES

Os resultados adquiridos, quase todos coerentes com a historiografia precedente em fatores gerais, **permitiram o vislumbre de uma fração das Áfricas no Rio Grande do Sul, por conseguinte, o êxito do objetivo colocado**. Com destaque para as origens, senso identitário e ancestral quase inexistente, ainda mais quando comparado com os não-africanos.

Porém, ainda há muitíssimo a ser trabalhado e descoberto. Para tanto, **visamos aumentar o período de análise e o número de locais, não só Porto Alegre. Como também expandir nosso repertório bibliográfico, explorar melhor as capacidades associativas da abordagem quantitativa e abrir espaço a análises qualitativas de certos casos. Se possível, conseguir novos documentos históricos, tais quais registros de casamento e heranças**.

Sem falar na **divulgação**, que deve ser alçada por um **Projeto de Extensão**, a publicação de um **livro** e a criação de um **curso de formação**, tudo isso possível com a experiência do Projeto de Ensino.

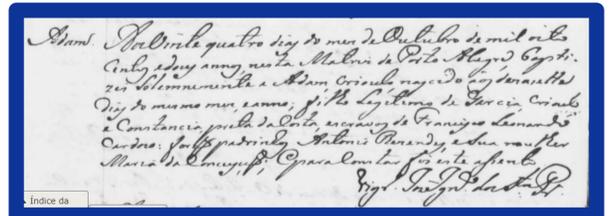
Desta forma, pode-se dizer este trabalho, que foi produzido no segundo semestre de 2021, **contribuiu com a lei 11.645, com a historiografia e, especialmente, com a luta antirracista**, dispondo-se a muitos avanços, que já estão ocorrendo neste ano de 2022.

REFERÊNCIAS

- HALL, Gwendolyn. Escravidão e etnias africanas nas Américas. Petrópolis: Editora Vozes, 2017 (2005), 159 p, il.
- LAW, R. Etnias de africanos na diáspora: novas considerações sobre os significados do termo 'mina'. Revista Tempo (UFF), Rio de Janeiro, v.10, n.20, 2005.
- MATTOSO, Kátia. Ser escravo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2003, 267 p, il.
- MATEUS, F. Racismo no mundo acadêmico: um tema para se discutir na universidade. Jornal da UNICAMP (edição web), Campinas, 19 nov. 2019.
- OSÓRIO, H. Para além das charqueadas: estudo do padrão de posse de escravos no Rio Grande do Sul, segunda metade do século XVIII. Anais do 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis: UFSC, 2007.
- PENA, S. **Citação de referências e documentos eletrônicos**. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/coluna/descobrimos-a-africa-no-brasil/>. Acesso em: 04 out. 2021.



Fonte: Dn. Juan de la Cruz. Buenos Aires (Argentina, Provincia). Mapas generales. 1750-1790. BIBLIOTECA DIGITAL HISPÁNICA. PID: bdh0000018326. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnsearch/detalle/bdh0000018326>.



“Adam Aos vinte quatro dias do mez de Outubro de mil oitocentos e dous annos, nesta Matriz de Porto Alegre, baptizei solemnemente a Adam, crioulo, nascido aos dezasette dias do mesmo mez, e anno; filho legitimo de Garcia, crioulo, e Constancia, preta da Costa, escravos de Francisco Leonardo Cardozo: forão padrinhos Antonio Rezendes, e sua mulher Maria da Conceição; e para constar fiz este assento.

Vigário Jose Ignacio dos Santos Pereira”

I CURSO SOBRE AS ÁFRICAS NO RIO GRANDE DO SUL:
Experiências de ensino e aprendizagem antirracista

INSTITUTO FEDERAL Sul-rio-grandense Câmpus Saporanga